

O REVIRALHO

ORGÃO DO COMITÊ REVOLUCIONÁRIO

Preço \$50 centavos
LER E FAZER CIRCULAR

A liberdade de pensamento é a
mais nobre e legítima das aspirações
humanas.

Este jornal não se submete
à censura

Ao iniciarmos a publicação desta folha pequenina, mas vigorosa — mais uma forte trincheira onde se abrigam, para o combate, corações rijos de portugueses — queremos envolver numa mesma saudação bem quente e bem sentida, todas as vítimas da ignobil ditadura militar: os deportados nas Colónias e nas Ilhas, os que sofrem nos cárceres, ou no exílio, as consequências do seu profundo amor á Patria e á Republica! A todos abraçamos com a ternura de irmãos, assegurando lhes que a hora do resgate se aproxima e que em breve se implantará definitivamente a Liberdade em terras de Portugal! Abaixo a tirania! Viva a Republica!

PALAVRAS NECESSARIAS

A publicação que se inicia é republicana. Estruturalmente republicana.

Dirigem-na homens que não pertencem a partidos. Não têm responsabilidades políticas. Não ajudaram directa ou indirectamente o 28 de Maio. Mas, confessam que a revolução militar lhes pareceu oportuna e necessaria.

Os profissionais da politica — que não são os verdadeiros politicos precisavam de uma camisa de forças que os contivesse, de um açaímo que lhes prendesse as linguas demasiadamente soltas, de um desinfectante energico e caustico que lhes destruísse a vermina que os contamina. O Exercito de Portugal cumpriu o seu dever. Depois errou. Errou estúpida, imbecil e vergonhosamente. A sua parte sã deixou-se intrujar como uns papalvos por qualquer vigarista de profissão. Permittiu que, em seu nome, mil vezes sagrado, uma frandulagem agaloadada governasse o Paiz.

Governasse? Não, o minasse, sugasse, e explorasse miseravelmente em seu proveito proprio, e, — que suprema ignominia! — puzesse o altivo Portugal de joelhos, de cócoras, subserviente e miseravel perante a Espanha, aproveitando-se para deste Paiz, orgulhosamente livre, fazer uma provincia aviltada do reino visinho. Não combateremos o Exercito, jámais o faremos! As nossas palavras por mais duras e veementes que fossem, cairiam inermes ante a sua nobreza secular. O que queremos é acorda-lo da letargia em que se encontra, mostrando factos que ignora e que são mil vezes mais graves, mais perniciosos para o Paiz que os cometidos pelos odiados politicos e que o levaram a levantar o pendão da revolta em Braga e marchar sobre Lisboa. Queremos que, para sua honra propria e do Paiz inteiro, recuse a sua solidariedade e apoio a essa horda de traficantes que transformaram os Ministerios em balcões de negocios escuros, e que, de militares que eram, se transformaram em caixeiros da Banca, dos grandes sindicatos e de companhias poderosas.

Basta de ditadura militar. Tropas a quartéis. Prevaricadores e criminosos na cadeia. **Sejam quais forem, tropas ou politicos.** Restitua-se á Nação o seu Codigo fundamental. Dê-se aos individuos as liberdades a que teem direito.

E, por outro lado, os partidos que se sanciem e depurem eliminando dos seus quadros os que tão más provas deram de civismo e de respeito pelas leis.

Fortaleçam-se com valores reais. Coloquem nos logares de direcção os seus melhores elementos depois de uma selecção rigorosa. Façam-no se querem viver, se querem que a Republica se dignifique. A hora é grave, muito grave. **Rondam pelas serras fronteiriças os lobos famintos.** Haja patriotismo!

Deste jornal pequenino — escrito donde se avista

a lugubre penitenciaria e tambem a mancha azul do Tejo que pode levar á deportação — iremos falar desassombadamente. Só os maus podem temer-nos. Com o apoio e solidariedade dos bons contamos antecipadamente.

Subsidios para a Historia da ditadura

A ditadura militar para viver resolveu: a) crear uma censura que lhe permitisse roubar o Paiz em silencio: b) manter uma imprensa destinada, especialmente, a fazer crer que creaturas anónimas eram ministros e homens de Estado de pujante envergadura.

Da censura falaremos depois. Estudemos a «imprensa». O tesouro publico português pagou e paga ao *Seculo* e ao *Noticius*. Os dois órgãos da moralidade são de alimento, como se sabe.

A ditadura inventou o *Pestana* de Vasconcelos. O *Pestana*, acumulando as suas funções de empregado mal pago de um rico proprietario de hoteis inventou o *Portugal*. O *Pestana* e o *Portugal* sorveram centenas de contos ao Tesouro. Como o publico foi tornado sabedor de quanto ao Paiz custava o *Portugal* do *Pestana*, o governo, sob um pretexto idiota, pôe-no a dirigir o *Noticius*.

Mas o *Noticius* achou caro. Arranjou um contracto com os da ditadura. O órgão da Moagem comprometia-se a chamar génicos, aguias, homens de talento aos ministros pelo menos 4 vezes por semana, na primeira pagina, e, nas paginas de dentro, duas vezes.

Em troca receberia a Moagem certas concessões e o *Pestana* sairia do cabeçalho do jornal. Assim se fez. Pensou-se no destino a dar ao *Pestana*. Acharam. O *Pestana* foi feito consuli de Portugal em Amsterdam, o mais rendoso dos consulados!...

Como este governo só marcha com musica, foi preciso outro órgão. O Carlos Selvagem escreveu uma historia. Em verso ou proza, não o sabemos. Impingiu-a ao governo. O rapaz era simpatico, compraram-lha. Negocio de alguns contos que o Tesouro Publico pagou.

Quizeram aproveitar-lhe o nome e entregaram-lhe dinheiro para fundar um periódico.

Saiu o *Imparcial*. O *Imparcial* foi de inicio uma especie de *Diario ao Governo* da ditadura. Todos os ministros, á uma, eram os mais inteligentes e os mais sabedores homens de Portugal. Honestos, trabalhadores, com uma obra gigantesca, formidavel atraz de si, e uma obra futura, em preparação, mais alta, mais resistente, e tão imperecível á acção do tempo como as pirâmides do Egipto. O governo impava de satisfação, mostrava os jornais á familia, e entrou a convencer-se que a voz do *Imparcial* era a voz de Deus. Achava o governo que o dinheiro que o ministro do Interior dava ao periódico — dinheiro do Tesouro Publico — era bem explicado. Era um modo muito particular e ditatorial de fomentar o Paiz. Entrementes o coronel Vicente de Freitas havia sido chumbado no exame para general. O coronel Vicente destacou amigos para junto do Ministro da Guerra com o fim de lhe dizer que ele era um baluarte da ditadura, e que mal visto ficara com a raposa no exame.

Se as provas que dera como coronel não haviam servido para ser general, as que vinha prestando como Presidente da Camara davam-lhe direito a esse alto posto no Exercito. O Passos e Sousa, num momento unico de bom senso, respondeu que nada tinha o posterior com as calças. Nada fez. Daqui, o odio do coronel ao Ministro da Guerra.

O *Soldado Desconhecido* quiz enriquecer a legislação nacional com varios trabalhos de amigos proximos.

Com o do jogo esbarrou. Os colegas de gabinete haviam já tomado compromissos com os do Estoril. O *Desconhecido* enfiou-se. Uniu-se ao Vicente. Ambos uniram-se aos integralistas. Como quem dava a massa para o *Imparcial* era Macedo do Interior, o *Soldado* e o coronel Vicente fizeram uma vacuinha

Suprema ignominia!

A ditadura militar, que para ai se arrasta ignobilmente, tem anarquizado em 14 mezes de fatidico governo toda a vida nacional.

Não é uma afirmação gratuita; são os factos que o demonstram duma maneira insofismável. Os seus proprios corifeus—os mais audazes e, decerto, os mais sinceros—confessam-no desassombradamente! Recorde-se o eloquente *sudario* estampado ha dias no «Imparcial», órgão do governo e por elle subsidiado. Os pedacinhos de ouro que fielmente extraimos da *falecida* gazeta governamental, terão levado ao Paiz inteiro a prova decisiva e irrefragável de que isto deu o que tinha a dar. Economicamente a miseria. Financeiramente a ruina. Moralmente escandalos sobre escandalos! Fez da imprensa um frangalho, uma rodilha. Oprimiu, vexou, perseguiu republicanos. Só republicanos!

A falencia foi, pois, estrondosa, completa, formidável! Quadrilhas bem organisadas instalaram-se nos Ministerios—sobretudo nas Finanças e Comercio. E, numa caça feroz aos lugares bem remunerados varios tropas de galão largo têm governado lindamente a vidinha!...

A competencia é uma coisa secundaria; as convicções politicas uma desprezível ninharia.

Deixam-se em casa—como fez o Cordes quando lhe saiu a taluda... De major para cima esta quasi tudo a roer; e a roer bem! De capitão para baixo, os da malta integralista vão chupando tambem em varias tétas. De modo que o objectivo da ditadura—que muitos tropas ingenuos e desinteressados ainda amparam por uma errada solidariedade—era apenas este: Comer! Razão tinha o alucinado Martins Junior que em tempos escrevia: «Isto deve ser fome. Clarim! Toca ao rancho!» Hoje esse enfatuado cretino e ridiculo megalómano, feroz senhorio com prosapias de generosidade, intrujão e idiota chapado é uma escola tezissima da situação! Mais um motivo para lhe profetizarmos uma quédia proxima e retumbante...

Na verdade, ninguem, com dez reis de miolos, acredita que isto possa aguentar-se por muito tempo. Nem com os *remendos*, em perspectiva, dos Freitas, dos Filomenos, dos Martinhos, dos Almeidas! Apesar das notas officiosas dos «Autos Comandos» a caranguejola desconjunta-se dia a dia. Intimam-se já mandados de despêjo a alguns Ministros!

Desta deliciosa *harmonia*, desta firme *união* do no jornal Sabiam que o «Cebolinha» das colonias encherá de dinheiro o Ultramarino.

Conheciam os negocios escuros do Sinel. Não ignoravam que a C. P. comera o Paiz. Verificaram que os colegas eram simples palhaços nas garras aduncas da Banca e do Sindicato. Meteram no «Imparcial» o tenente Galvão, coitado, que não obstante varias *escroqueries* praticadas, sobretudo no Algarve, não estava bem de dinheiro.

Deram-lhe instruções e reforçaram-lhe os ordenados. Mas, passado pouco tempo, assistimos a esta scena absolutamente original: um órgão officioso do governo a chamar a alguns membros desse mesmo governo incompetentes e gatunos.

Diz-lhes que a sua obra é uma *blague*, um insulto ao Paiz, uma traição ao Exercito!...

Confusão nas hostes governamentais.

Os atingidos insultam o *Soldado Desconhecido* e o Sinel, o mais atacado, corta os viveres ao *Imparcial*. Os da gazeta reagem. Batem a varias portas. Arranjam alguns escudos. E, dias depois, o *Imparcial* órgão, do governo da ditadura, era distribuido clandestinamente, pela propria policia do Ministerio do Interior. Nada mais cómico, mas nada tambem mais eloquente, do que este facto que acabamos de narrar e que é absolutamente autentico. Demonstra, de uma maneira insustentavel, a *esplendida união e harmonia* da filharmonica do Carnona!...

O *Imparcial* acabou. O Galvão, para inglês ver, foi detido. Mas vai para a rua porque o temem. E agora é a *Situação* que recebe o subsidiozinho mensal, para dizer que o governo da ditadura é composto de homens honestissimos, inteligentissimos e competentissimos. Já lá contam dezassete contos!...

Quem tal diria? O Botelho Moniz—o autentico, o das batatas, o revoltado—a receber *massinha* do governo, como qualquer Galvão! Ora bolas, seu Moniz!...

Exercito em volta do governo—como dizem os Altos Comandos—resultam os sobresaltos, os sustos, as prevenções nos quartéis. E nas ruas por horas mortas as vedetas, as patrulhas, as metralhadoras!...

Internamente toda esta miseria. Mas é incomparavelmente mais grave a nossa posição internacional! Mercê dos erros, das «gaffes» constantes desse mentecapto *Bêtte-en-Court* e dalguns representantes de Portugal, começam a olhar-nos lá fora de soslaio... Porque não compreendem esta baralha em que vivemos. Porque vêem deslocar-se o eixo tradicional da nossa politica externa. Troçam-nos, achincalham-nos, humilham-nos! Paíra sobre nós a ameaça duma grave afronta. No horizonte surgiu e acastelam-se nuvens sombrias!...

E é este perigo que nós queremos pôr deante dos olhos de todos os bons portugueses. Para os alarmar? Não. Para nos prevenirmos, *toaos*, da obra criminosa, da obra de traição desse governo de imbecis. Para revelarmos ao Paiz inteiro o plano tenebroso, cinicamente architectado, dalguns ministros da ditadura. Para que o Exercito republicano, a Marinha e o povo, se levantem, do norte ao sul de Portugal, e expulsem do poder os miseraveis que preparam a tutela estrangeira! Porque, de facto, a Espanha já governa em Portugal. Hoje faz-se lentamente a infiltração financeira. Amanhã será o que Deus quizer... Porventura, uma *intervenção armada*, com o pretexto de esmagar implacavelmente o bolchevismo lusitano!

Das margens do Manzanares chegam de avião poderosos banqueiros, com dinheiro em abundancia para acudir ao Sinel. E a *massinha* fresca e tentadora ha-de fazer calar muitas bocas esfaimadas de patriotas irrequietos—exactamente como em 1580 Cristovam de Moura encheu a escudela duma nobreza abastardada!...

No intervalo—para disfarçar—Melo Barreto, embaixador da Espanha junto do governo português, subserviente e canalha, exporta-nos a filharmonica do liliputiano Vilas, para colaborar com o órgão da moagem numa festa de beneficencia! E, babadinho de gôso, o ridiculo salafario, sempre rastejante e sempre asqueroso, considera essa visita como o seu maior triunfo diplomatico!... Não vê nada do que se passa á sua volta. Superficial como um amanuense de Camara sertaneja, o antigo peniculario de Teixeira de Sousa, não observa, não analisa, não prescrua. Tudo corre serenamente. A sua situação perante a côrte espanhola é verdadeiramente privilegiada! Principes, marqueses, barões—todos disputam a honra da sua convivencia... Mas nem sequer teve conhecimento—o tontinho—duma conversa havida ha pouco tempo em Madrid, entre uma alta personalidade e alguns officiais portugueses, *integralistas*, que ali foram a um concurso hipico?... E todavia, naquele silencio quasi lugubre do *salão* oriental, onde se realiso a entrevista, pronunciaram-se frases profundamente ofensivas da nossa dignidade e do nosso brio de povo livre!

Frases manifestamente denunciadoras de propósitos sinistros, embora envolvidas no manto diafano dum auxilio *fraternal*... Não as repeliram, indignadamente, esses trez portugueses, indignos de vestirem uma farda do nobre Exercito de Portugal! Pelo contrario: agradeceram sorridentes e penhorados a prometida ajuda. Melo Barreto até agora não aludiu ao facto. Por ignorancia? Por subservencia? Não sabemos. Sabemos apenas que o governo o conhece, nos seus menores detalhes.

Por patriotismo, não vamos hoje mais além. Mas não hesitaremos em estampar aqui tudo quanto chegou ao nosso conhecimento, se o ministro da Guerra, urgentemente, não quizer—ou não souber—desafrontar-nos desta suprema ignominia.

O QUE HA?

A pergunta que agora formulamos não é nova. Está consagrada desde 4 de Outubro de 1910 por Brito Camacho. O significado, porém, é outro. Não revela poltronaria nem é *bill* de indemnidade para o azar duma derrota. É a pergunta sincera d'aquelles que, vendo a *aegringolade* que de instante a instante vae crescendo, o abismo que a quadrilha governativa está cavando, vivem em constante sobressalto, não podendo descortinar qual o futuro destinado a este pobre paiz.

Se o espectáculo vergonhoso que ha mais dum ano os homens da ditadura representam restringisse a sua acção ao ambito estreito das fronteiras, limitavamo-nos a protestar contra o preço exorbitante dos bilhetes e a acompanhar com uma estrondosa patiada os esgares grotescos e mal ensaiados duns arlequins que andam af a fingir de ministros.

Infelizmente tal não sucede. Insaciaveis, vendo que a magra bolsa dos portugueses está esgotada, oferecem aos olhos cupidos dos estrangeiros os filões magnificos para rica exploração, como as proxenetas a carne pura das virgens aos apetites lubricos de velhos libidinosos.

A França e a Inglaterra, velhas nações amigas, são trocadas pela Alemanha que ainda ha bem pouco tempo fazia baquear nos campos de batalha milhares de fardas portuguesas cobertas de lama que os honrava, iguaes áquelas que envergam hoje os homens da situação, mas cobertos de lama que vilipendia e emporcalha.

Mais tarde procuraremos desvendar os fins ocultos desta reviravolta oprobriosa.

Falemos agora sómente da Espanha e apenas de assunto que muito interessa á economia nacional, porque o campo é vasto e a estreiteza do jornal mais não comporta. Reuniu em Lisboa uma comissão mixta encarregada da questão das quedas de agua do Douro.

Sobre os trabalhos que essa comissão já deu por concluidos, guarda o governo o maior sigilo.

Ha nesta questão interesses legitimos, acautelados pelos tratados e direito internacional—os de Portugal—e ambições e tentativas de expoliação que a Espanha a todo o custo pretende fazer prevalecer. Se a comissão tivesse chegado a conclusões que dessem cabal satisfação á reivindicação dos nossos direitos, não seria conveniente ao governo trazer a publico os resultados a que se chegou? Certamente. Viria por essa forma quebrar as pernas áquelles que maisinam a ditadura, patenteando claramente que aquilo que monarchicos e republicanos não conseguiram no arrastar dos anos, conseguira-o o governo militar em pouco mais de uma semana de estudos. Era um acto da mais elementar politica. Assim, apodera-se de todos nós o receio de que o acórdo seja mais uma traficança a acrescentar ás tantas em que a companhia Carmona tem sido fertil. Cesteiro que fez um cesto...

Mas o nosso sobressalto não provém só do segredo que o governo guarda sobre tão magna questão. Provém tambem da qualidade das pessoas que nele interferiram.

Fernando de Sousa, sobejamente conhecido, dispensa que lhe tracemos a biografia. Basta dizer que, carola de pólpá, tão encarniçadamente defendia na *Epoca* os pseudo-Direitos dos catholicos que o patriarca o obrigou a meter a viola no sacco para não escangalhar com as suas diatribes virulentas o trabalhinho de sapa que os jesuitas vinham fazendo em pról da sua santa causa. Se com os seus entusiasmos do costume pretendeu defender os interesses de Portugal, estamos perdidos pela certa.

Quanto ao engenheiro técnico, o coronel Lopes Galvão, alguma coisa somos forçados a dizer para

que fique bem vincada a personalidade de tão conspicio cidadão.

Ora este cavalheiro, monarchico de gema, tem na historia das Colonias uma historia muito sua. É das grandes aves que pede milhares de hectares de terras em Moçambique e os vende aos *boches*. É um passaro que tem em terrenos de Lourenço Marques vergonhosas manchas escuras e é o celebre técnico que pôz em cheque o actual presidente da Comissão Administrativa de Lisboa, o encravado coronel Vicente, dando um parecer demasiadamente forçado a favor da Companhia das Aguas.

Acaso o tilintar das pesetas não aguçarão o guloso apetite deste Galvão, levando-o a vender por grosso a agua á Espanha, como os galegos antigamente faziam em barris?

Porque assim os republicanos manifestam os seus receios, aparecem agora duas gazetas abespinhadas: a *Voz* e a *Situação*.

O *Nemo*, assustado com os horrores da maçonaria, com as bombas e espingardas, provavelmente as mesmas que lhe salvaram a vida em certo movimento revolucionario, chama-nos anti-patriotas, não esquecendo de piedosamente nos denunciar ao governo. O que vale é que a sua catolica *Voz* não chega ao ceu. Quanto á *Situação*, desde que o Botelho Moniz se *situou* no ministerio do interior entrincheirando-se nas notas do Banco de Portugal, deixou a attitude amaneirada com que falava aos integralistas e, bebendo tres ou quatro goladas de cognac do que o patrão deixou por esquecimento nalguma das gavetas lá da casa quando foi para Angola chama-nos, em linguagem de casern, estupidos. Lá isso somos porque, apesar de roubados, continuamos a perguntar: *o que há?* Esperto e bem esperto é o Moniz que, á custa de nós todos que atravessamos uma epoca de crise, vae governando a vidinha.

Crise de subsistencias está claro, porque em crise de caracter leva o Moniz a palma ao mais pintado.

PERGUNTA-SE

Qual foi o castigo que o Ministro da Guerra inflingiu ao tenentesinho integralista das Metralhadoras que no Jardim Zoológico ouviu o Hino Nacional sentado, e olhando atrevidamente para a multidão que respeitosa o escutava em pé e de chapéu na mão? O Baptista, e muito bem, conseguiu, contra a vontade do Pereira Coutinho—o da Firma Roxo & C.^a, chefe de gabinete do Ministro da Guerra,—corrê-lo do grupo.

Mas só isso?

DE RABO NA BOCA

A companhia concessionaria das Minas do Lena, é a companhia arrendataria dos Tabacos com outro nome. Para a companhia dos Tabacos ir ao concurso—ao celebre concurso,—precisava de fazer um deposito de . . . milhares de contos.

Em tempo proprio, o *Noticias* e o *Seculo* começaram a fazer uma campanha acesa, pedindo ao governo para proteger os carvões nacionais.

Preparado o ambiente, a concessionaria das Minas do Lena, pede ao Governo X oiro para desenvolver a industria dos carvões nacionais.

O Governo dá a massa pedida. Abre-se o concurso para os Tabacos.

E a do Lena recebe o dinheiro do governo que em nome da Companhia dos Tabacos vai entregar na propria Caixa Geral dos Depositos, de onde saiu. Desta vez, para garantia da sua proposta. Feito o concurso, a dos Tabacos levanta o dinheiro que o Estado lhe emprestara e entrega-o de novo á sua irmã siameza, a Lena.

Na ditadura isto não é novo. Já o João Belo—o Cebolinha—fez o mesmo com a Companhia Nacional de Navegação.

Farçantes!

DISTINGAMOS

O General Camacho, na sua ultima enciclica dizia: «provavelmente desagradamos a todos». Garantimos que não desagradou a ninguem.

Os monarchicos aplaudiram-no.

E os da ditadura ordenaram aos seus jornais a reprodução integral do já celebre artigo. Quanto aos republicanos isso não os intefessou. Disse-ram apenas: «E' o Camacho».

Encolheram os hombros e nada mais.

Diz depois o General: «Curamos apenas de tornar bem expresso o nosso pensamento». Prosa-pias!... Nunca o General foi claro nem sequer a falar com a ajuntadeira de calçado, de Lourenço Marques, que desempenhava as funções difíceis de Alta Comissaria, entre o riso de troça de toda a gente.

Diz mais o General: «atravez das falhas da nossa intelligencia...» Falsa modestia.

O paiz sabe que foi o Dr. quem criou a «Ordem dos Intelectuais», de que se fez Pontifex Maximus. Por ultimo, fala S. Ex.ª na «honradez dos seus propositos». Essa de honradez, de honradez, deixe-nos dizer-lhe: para nós, tão ladrão é o que vai «ao arroz», como o que lhe guarda os sacos. E' o Dr. tem sido infelizmente, um bom guardador de sacos. De arroz e até de assucar. Se o Hornung falasse!...

Craveiro, o miseravel

Saibam todos os republicanos que o major Americo Olavo, heroico combatente da Grande Guerra, e republicano dum só rosto e duma só fé — morto pelo «dente de ouro» da ditadura — foi quem conseguiu em 1919 fazer nomear para um logar de destaque na India o monárquico feroz Craveiro Lopes.

O actual comandante militar do Porto, que é o chefe supremo dos integralistas do Norte, fez nesse logar da India uma grande fortuna, em autenticas rupias—embora emporcalhasse miseravelmente a sua farda com os escandalos que lá praticou.

Conhecendo tudo isto, preguntamos a esse libidinoso e devasso coronel se ao menos por gratidão pela memoria do seu generoso protector, não insta junto dos governantes — e até exige — o castigo rigoroso do «bravo» tenente de engenharia que fez assassinar aquele valoroso official portuguez. Talvez assim consiga mais tarde que algum «politico corrupto» o coloque de novo em qualquer conezia rendosa.

O Tio e o Sobrinho

Afirma-se nos meios militares affectos á ditadura que Sinel-tio e Sinel-sobrinho — teem feito negocios escuros. O Sinel, tio, já pagou letras antigas de quantias avultadas e que haviam obtido o favor de reforma muitas e muitas vezes. Quanto ao Sinel, sobrinho, esse — tem enchido a cantarinha! Sobretudo ali para os lados do Minho pitoresco...

ESTUPENDO

No ultimo sabado subia a Avenida um cortejo singular. Uma vaca coberta de crepes e um bezerro com flôres entre os chifres curtos. Os animais eram arrastados por homens vestidos de moços de forçado.

Para saber-se que se tratava de um cortejo official—Oh! ridicula vergonha!—a vaca enlutada, o bezerro florido e os forçados, seguiam ladeados de policias, de autenticos policias, fardados!..

Alguem que presenciava a idiota marcha atravez da Avenida, exclamou:

—Ahi vae o cortejo funebre da ditadura. Os tipos mungiram a vaca—o Paiz—quanto puderam. Agora que já não dá leite, levam a vaca e a cria para o matadouro!..

E' o facto é que um dos policias da marcha funebre parecia-se com o Carmona.

Um balão que desce...

O Balão Captivo—deliciosa alcunha do Teixeira do Comercio—já falou ao publico da Capital e ao da Provincia, segundo estatisticas bem organisadas, umas vinte e nove vezes.

Um da comitiva, ao chegar a Lisboa da ultima passeata, preguntado aonde havia ido, respondeu:

—Fui ouvir pela vigessima nona vez, o meu ministro.

—E' que disse ele?

—Falou muito, mas não disse nada!

Foi sempre assim, o Balão Captivo.

O "Botas"

Do critico monarchico do *Diario de Lisboa*, «El Terrible Perez»: Discordamos ainda dos avisos que afixaram pelas paredes em que o nome do prestigioso official (Ferreira do Amaral) aparece com aquella familiaridade com que tratavamos o falecido Botas...

Os reclames foram afixados com autorisação da policia. O official vizado leu-os, se não os escreveu, como se afirma, «os torpes cartazes, adjectivos em demasia.»

De resto, a prosa é a mesma do Boletim Humoristico da Policia, a quem chamam as Ordens de Serviço da corporação.

Acabou o Comando da Policia. Agora temos o *inteligente*, o Botas.

Assunto arrumado

O padre Manso, de quem um grande espirito dizia que era «infinitamente manso e infinitamente padre», quere á força prestar um alto serviço ao Paiz. Conhecedor de que sabios investigadores andam a reivindicar para Portugal a nacionalidade de Colombo, ele que não é investigador, quere que o Primo de Rivera seja portuguez e portuguez de Vila Franca.

Tem razão o padre Manso. Rivera é de Vila Franca e tem o ferro do Palha Blanco. Caramba! O assunto está arrumado.

Já neste jornal se sabe qual o subsidio que o governo deu ao Comité Civil das Fressureiras.

E' até—apezar do sigilo—já se conhece o nome do Presidente de Honra. Nada ha de verdadeiramente *desconhecido*, entre nós!..